



Metropolita Iosif de Buenos Aires e América do Sul

HOMILIA

XI DOMINGO DE MATEUS

O Senhor, para explicar o que é o «Reino» de Deus, e que ele já chegou, começa a utilizar parábolas. Uma parábola é uma narrativa bastante breve e comparativa e, ao mesmo tempo, simbólica, pela qual o Cristo-Messias busca *«iniciar»* primeiramente os seus discípulos, e depois todas as pessoas no ambiente dessa nova dimensão que Ele veio inaugurar. É por isso que sempre começará com a frase o «Reino dos céus é semelhante a (...)». O Mestre não quer extrair uma lição moral da parábola, mas descrever como se manifesta e como é vivida *aqui e agora* essa nova dimensão. A moralidade é um dos aspectos, mas, obviamente, o «Reino» não se limita a essa faceta.

Neste caso, o «Reino» é identificado com a ação do *perdão-remissão*. A visão é dupla - enquanto comparativa e simbólica - mas também em termos da operabilidade do próprio «Reino», uma vez que este «Reino» já se encontra em nosso interior, - *Οὐκ ἔρχεται ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ μετὰ παρατηρήσεως, οὐδὲ ἐροῦσιν ἰδοὺ ὧδε ἢ ἰδοὺ ἐκεῖ. ἰδοὺ γὰρ ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ ἐντὸς ὑμῶν ἐστίν (Lc 17: 20b-21)*, mas é necessário descobri-lo, adentrar-se e fazê-lo operar em todas as dimensões de nossas vidas. Este é o trabalho que o Cristo-Messias realiza.

Perdão é uma expressão própria do amor, da dimensão do «Reino». Perdoa aquele que ama; perdoa aquele que tem misericórdia e comiseração; no entanto, essa expressão direta do amor não escapa ao seu mecanismo mais profundo. Ama o outro aquele que ama a si mesmo e, conseqüentemente, pode receber amor. O perdão reflete esse mecanismo, essa *«diástole-sístole»* da alma que necessariamente se retrai e se expande de dentro para fora - e vice-versa - em uma multidimensionalidade já unificada. Dessa maneira, uma pessoa que não se perdoa a si mesma não pode perdoar

a outra: *uma pessoa que não reconhece o «Reino» em si também não pode reconhecê-lo fora de si.*

Tudo começa em nossa interioridade. O ato de amor - e o perdão - não é um ato que começa na exterioridade através de um estímulo qualquer, mas tem necessariamente a sua sede no coração da pessoa. *Quem pode perdoar ou amar ou compreender o outro, se não é capaz de se compreender, de se amar e de se perdoar a si mesmo?* É um mecanismo natural que começa na pessoa para depois transcende-la e aplicar-se às minhas «réplicas», aos meus próximos. É por isso que a máxima do Mestre ordena: *«Assim como queres que façam contigo, faça»*; ou a sua antípoda: *«Não faça aos outros o que não queres que façam a ti»*. Em síntese: *«Faça aos outros o que fazes a ti mesmo»*. **É axiomático.**

Perdoar significa «com doar-absolver-comutar» uma dívida ou uma culpa para conosco: desta forma, a ordem da *«justiça»* - humana, claro - é restaurada entre os dois termos, *não pela ação mesma, mas, paradoxalmente, por sua transcendência: que é próprio da justiça divina*. Se esse equilíbrio devesse ser restaurado pela mera justiça como entendida pelos homens - olho por olho, dente por dente - uma pena análoga deveria ser sempre aplicada, de modo que, tendo cumprido o termo que rompeu o equilíbrio da justiça, a satisfação é realizada e, portanto, a ordem perdida é restabelecida.

No entanto, quando se perdoa – se anula, sem mais delongas - a dívida causada pelo rompimento do equilíbrio da justiça. **Consequentemente, não há expiação:** aquele que é insultado ignora a sentença do transgressor e restaura a ordem da justiça. **O perdão, evidentemente, vai ainda mais além,** já que aquele mesmo que perdoa - e não aquele que ofende - *liquida a dívida*, eliminando-a.

Esse mecanismo é estabelecido entre as duas partes, o ofendido e o agressor, os dois termos entre os quais a justiça opera. Assim, é fácil entender como a dinâmica do mecanismo se manifesta. O problema é quando os dois termos são representados pela mesma pessoa: por mim mesmo. O perdão a si mesmo é uma ação primordial se se quer estender o perdão aos demais. Perdoar as próprias dívidas é uma ação que requer **amor e autoconhecimento**: saber *por que, como, quando e onde*, isto é, todas as circunstâncias pelas quais a ordem da justiça em mim foi rompida. Se alguém sabe, entende e aceita conhecendo os mecanismos que o levaram a realizar atos de injustiça contra si mesmo, pode chegar a perdoar-se - perdoar a dívida própria - para que se possa então perdoar as dos seus semelhantes.

O auto perdão não é a comiseração ou menos ainda auto justificação egoísta ou narcisista: é um ato de amor próprio que *pressupõe* a *metanoia*, e, consequentemente, a convicção de não provocar novamente o desequilíbrio da «justiça - do equilíbrio - interior». Assim, pode-se perdoar ao outro e deixar-se perdoar, isto é, pedir e aceitar este perdão de outros.

Do mesmo modo, pois, parece que Deus nos perdoa se primeiro dermos o passo nós mesmos: e, qual é esse passo? É o reconhecimento de que já fomos perdoados, que já fomos resgatados e resgatados pelo próprio Cristo; é reconhecer em nosso interior essa redenção que necessariamente se identifica com o «Reino» em nosso interior.

Logo, aceitando o perdão divino, é necessário que nos perdoemos a nós mesmos e que estejamos sempre prontos a perdoar, bem como saber pedir perdão e aceitar o perdão dos demais: assim, redimensionamos o «Reino» interior no *aqui e agora de nossa existência e dos demais*, re-ativando o «Reino» e sua «justiça» que são a expressão mais íntima da divina filantropia, daquele divino *Eros-Ágape* que transborda toda a criação, cobre-a, resgata-a e continuamente a aperfeiçoa.

Este é o «Reino», a dimensão própria do amor incondicional que não tem limites, o que sempre se dá, sem preconceitos, sem barreiras, e que quando opera *em* nós e *por* nós nos torna imagens legítimas de sua origem e fim.

